



**A teologia das religiões
como elemento
necessário à missão no
cenário de diálogo
contemporâneo**

por Rafael Zulato Langraff

Este é o segundo texto de uma série de cinco com base no livro “Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão”. O presente artigo descrever os argumentos de David J. Bosch acerca da teologia das religiões apresentado pelo autor na terceira parte do livro, onde ele aponta – entre outras doze características – a missão como testemunho a adeptos de outras religiões vivas.[1]

MODELOS DE POSTURA

Os filósofos iluministas do século 18 defendiam a tese de que as religiões deixariam de existir em um futuro próximo devido aos avanços científicos. Contudo, ao contrário do que acreditavam, as religiões continuam em pleno crescimento e isto não é exclusividade do cristianismo. Como resultado da globalização, cada vez mais a igreja precisa interagir com outras religiões como o islamismo, o Budismo e o Xintoísmo, dantes raras no ocidente. A grande questão é se a igreja está preparada para responder a este desafio sem precedentes.

A reflexão acerca dos modos de lidar com as diferenças existentes em outras crenças normalmente é feita através dos estudos de religiões comparadas ou da ciência da religião. O primeiro busca elencar e estudar as características peculiares de cada religião, enquanto o segundo trata-se de um estudo descritivo mais preocupado com aspectos sociológicos ou antropológicos. Como alternativa, a teologia das religiões compreende os pontos em comum na gênese de todas as religiões que servem de convergência para expor o cristianismo. Espera-se da igreja uma postura de tolerância, não a despeito de sua defesa acerca da verdade do evangelho, mas por causa desta verdade. Deve-se enfatizar a centralidade da revelação completa em Cristo sem rejeitar a revelação geral de Deus na humanidade.

No estudo da teologia das religiões, podemos dividir em dois grandes grupos as diversas crenças não cristãs: o primeiro é composto por cosmovisões que oferecem salvação imanente. Trata-se das ideologias políticas e de discursos filosóficos como o materialismo, o humanismo e o consumismo, entre outros. O segundo grupo envolve outras religiões que apresentam uma cosmovisão diferente do cristianismo como, por exemplo, o islamismo, o budismo e o xintoísmo supracitados.[2]

Dentre as posturas comumente adotadas na relação com as diversas crenças, encontram-se quatro modelos distintos. Um deles é característico do ateísmo para o qual não existe verdade contida nas religiões. Esta posição não é relevante para este estudo, uma vez que não serve ao cristianismo. Focaremos, portanto, nas três posturas possíveis e consequentemente identificadas no cristianismo.

Um primeiro modelo de postura observa-se no exclusivismo enfatizado pela igreja nos períodos pré-moderno e moderno. Neste modelo, a igreja entende-se como única retentora da verdade e, portanto, impõem-se sobre as demais. Um exemplo exclusivista com elementos pós-moderno pode ser encontrado na teologia das religiões de Karl Barth. Segundo ele, toda religião não passa de um produto humano e, devido a corrupção do pecado, tudo o que o ser humano produz são ídolos. Pelos motivos do distanciamento entre o homem e Deus por conta do pecado e nossa incapacidade de nos aproximarmos dEle por nossas próprias ações corruptíveis, necessitamos de uma revelação que venha de forma graciosa da parte de Deus. Para Barth, Deus escolhe se revelar ao homem através do cristianismo, santificando-o (separando-o para Si). Deste modo, a verdadeira religião é resultado da graça de Deus e, o cristianismo, é instrumento desta graça.

Encontramos um segundo modelo de postura na teologia liberal que assimilou aspectos da filosofia evolutiva do iluminismo. Para os teólogos liberais, o cristianismo é a consumação das demais religiões. Aceita-se a existência de verdade em outras crenças, mas estas apenas podem preparar o caminho para o cristianismo que, por sua vez, é superior às demais religiões. Karl Rahner, por exemplo, defende uma teologia das religiões com a centralidade em Cristo.

Segundo ele, a salvação encontra-se somente em Cristo, contudo, encontramos revelados, mesmo que de forma indireta, aspectos da graça de Cristo também em outras religiões.

É importante reconhecer que o ponto de partida de Rahner, quando discute outras religiões e seu possível valor salvífico, é a cristologia. Ele jamais abandona a ideia do cristianismo como religião absoluta e da salvação como vindo unicamente através de Cristo. Reconhece, porém, elementos sobrenaturais da graça em outras religiões, que, postula ele, foram dadas aos seres humanos por meio de Cristo. Há graça salvadora em outras religiões, mas essa graça é de Cristo. Isso torna adeptos de outras crenças “cristãos anônimos” e confere a suas religiões um lugar positivo ao plano salvífico de Deus.[3]

Um terceiro modelo de postura resulta do relativismo pós-moderno e de sua defesa da inexistência de uma verdade absoluta; segue que todas as religiões possuem valor legítimo. Os relativistas argumentam que, as perguntas que todas as religiões buscam responder são as mesmas e que, as respostas, apesar de apresentadas de maneiras, linguagens ou pontos de vista diferentes, também são as mesmas. Assim, apesar do que aparentam, as religiões competem não em contradição, mas em complementação.

Segundo David Bosch, nenhum dos modelos apresentados satisfaz as necessidades contemporâneas que exigem um novo paradigma da missão. Em todos os modelos de postura não existe vazão para o paradoxo exigido no diálogo, a saber, de manter o

compromisso com as próprias crenças, ao mesmo tempo que oferece abertura genuína à outra religião.

Necessitamos de uma teologia das religiões caracterizada por uma tensão criativa, que vá além da alternativa estéril entre uma confortável reivindicação de caráter absoluto e o pluralismo arbitrário. E talvez seja precisamente nesse aspecto que os diversos modelos expostos acima se mostram deficientes. Todos são “assépticos” demais. Todos funcionam demasiadamente bem. (...) Mesmo antes que se estabeleça o diálogo, as questões cruciais estão decididas em sua íntegra.[4]

Para Bosch, a teologia das religiões deve ser uma área explorada por meio da poiesis e não da theoria. O termo poiesis subintende criar, produzir ou gerar, enquanto theoria é o resultado de um método científico de investigação e síntese. A reflexão necessária à teologia das religiões exige um aspecto criativo e de desenvolvimento no diálogo e não de uma tese sólida e irrevogável que não dá vazão a peculiaridades. Assim, “tanto o diálogo quanto a missão se manifestam em um encontro de corações e não de mentes”. [5]

DIÁLOGO E MISSÃO

O desafio de submeter a teologia das religiões a um diálogo é tão complexo na teoria quanto na prática. As observações de David Bosch nos pontos subsequentes apresentam questões relevantes à teologia das religiões que necessitam de reflexão e desenvolvimento a fim de estabelecer o diálogo da igreja com as demais crenças em consonância com o exercício da missão cristã de fazer conhecido o evangelho de Cristo.

1. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que a existência de uma outra religião é um dos fatores formativos da teologia junto à revelação, Escritura, tradição, experiência, cultura e a razão. A maioria dos cristãos, em qualquer parte do mundo, têm a coexistência com pessoas adeptas às outras religiões como uma realidade em suas vidas. Assim, “a primeira perspectiva requerida – e isso já é uma decisão do coração, não do intelecto – é aceitar a coexistência de crenças diferentes e fazê-lo de boa vontade, sem relutância”. [6]

2. Segue que, o diálogo autêntico não se dá através do sacrifício das próprias convicções. Ao contrário, é necessário o compromisso com as crenças para não subverter o diálogo. “Sem meu comprometimento com o evangelho, o diálogo se torna um mero bate-papo; sem a presença genuína do próximo, ele se torna arrogante e sem valor”. [7]

3. O diálogo só é viável partindo do pressuposto de que Deus nos precedeu preparando as pessoas em suas próprias culturas e convicções. Não estamos indo de encontro às pessoas completamente desprovidas de qualquer conhecimento e tão pouco somos retentores de toda a verdade divina. Ao reconhecer que somos todos donatários da graça divina, nos aproximamos dos adeptos de outras crenças com reverência.

4. Cômicos da existência da graça divina sobre os adeptos de outras religiões, soma-se que “as linhas que separam a verdade da inverdade e a justiça da injustiça não se encontram apenas entre o cristianismo e outras crenças, mas perpassam igualmente o cristianismo”. [8]

Tal constatação conduz à humildade, indissociável ao cristianismo e necessária tanto ao diálogo quanto à missão. Somos mais efetivos no diálogo quando menos autoconfiantes. No entanto, não devemos diminuir nossa fé, menosprezar nossas origens e assumir uma postura de autoflagelo. A verdadeira humildade deve nos conduzir a uma renovação das convicções e compromisso com a fé.

5. Para que o diálogo e a missão sejam possíveis é necessário reconhecer a especificidade de cada religião. Tanto o modelo de postura de consumação quanto o relativista, diluem as demais crenças com a pretensão de harmonizá-las. No primeiro modelo, tomam o cristianismo como ponto de partida, como ocorre no modelo de Rahner, onde as demais religiões são dispostas em um círculo tendo o cristianismo como centro gravitacional. Deste modo, o que difere as outras religiões entre si, é a distância delas em relação ao cristianismo. Já no modelo relativista, considera-se as religiões mundiais mais como complementares que contraditórias. Por vezes opta-se pelo soteriocentrismo postulando as religiões como mera instrumentalização determinada pela cultura, esvaziadas de qualquer ortodoxia. Bosch alerta para o fato de que “quando tudo possui a mesma validade, nada, em verdade, importa mais”.^[9] Qualquer um dos modelos acima, compreende a necessidade do diálogo, mas sacrifica-se o significado da missão.

O que geralmente acontece é que – de modo consciente ou inconsciente (...) os elementos da religião cristã são generalizados até se encaixarem nos fenômenos de outras religiões e, assim, produzem uma espécie de cópia reduzida do cristianismo. Isso faz com que as outras religiões sejam pouco mais do que ecos da voz do próprio cristianismo e denota pouca consideração pelo fato de que elas estão apresentando suas próprias interrogações ao cristianismo.^[10]

Toda religião possui sua própria cosmovisão, sua estrutura e seu modo de formular questionamentos. A igreja não pode ignorar tais diferenças por meio de generalizações ou esperar estabelecer um diálogo partindo de temas e pressupostos cristãos. Antes, precisa relacionar-se de modo específico com cada crença propondo um diálogo que considere a relevância de cada uma.

6. Acima, citamos o perigo de sacrificar a missão por conta do diálogo. No entanto, precisamos tomar também o cuidado de não confundir diálogo e missão considerando-os sinônimos ou abandonar o diálogo pela missão. O encontro da CMME^[11] de San Antônio, formulou o compromisso entre missão e diálogo da seguinte forma: “Afirmamos que o testemunho não impede o diálogo, mas o convida, e que o diálogo não impede o testemunho, mas o estende e aprofunda”.^[12]

É necessário salientar tais afirmações, atualmente, em um ambiente no qual, por um lado, a familiaridade nos privou do frescor e da vitalidade do evangelho, deixando-nos apenas uma pertinaz lealdade a ele, ou onde, por outro lado, as pessoas cristãs são admoestadas, inclusive por irmãos na fé, de que é inapropriado convidar adeptos de outras crenças ou pessoas sem crença a depositar sua confiança em Deus mediante a Cristo.[13]

É importante ainda que ambos os conceitos (missão e diálogo) sejam definidos com precisão para não vê-los como idênticos – e cair no erro de ignorar um pela adoção ao outro – nem como irrevogavelmente opostos – e rumar ao extremo oposto de abandonar conscientemente um para exercício do outro. Há correspondência entre os termos. Nem o diálogo nem a missão, são inflexivelmente dogmáticos, intolerantes ou manipuladores. No entanto, “ambos registraram, com o passar do tempo, uma transição da ignorância, passando pela arrogância, até a tolerância”.[14] Em ambos os casos, só é possível o exercício efetivo através do compromisso com a fé acompanhado pelo respeito aos outros. Em nenhum dos dois pressupõe-se uma mente totalmente aberta, pois, isso eliminaria o testemunho de nossas convicções e eliminaria a essência tanto da missão quanto do diálogo. Há também diferenças entre os termos. O diálogo baseia-se na interação necessária entre as diversas crenças, enquanto a missão no compromisso em testemunhar as convicções da fé como verdades.

7. Em grande parte, o debate acerca da postura mediante outras religiões se perde em torno da questão se outras

religiões também salvam. Contudo, tal questionamento já nasce errado por pautar-se em uma convicção limitada de salvação como sendo unicamente o estado do homem após a morte. Tal concepção reduz o cristianismo a um mero aglomerado de ritos e dogmas que são aderidos para obtenção de tal salvação. No entanto, a conversão compreende muitos outros elementos como postura, relacionamento, sociedade e compromissos. Tornar-se membro da igreja é antecipar a existência plena diante de Deus e recuperar os princípios da criação perdidos pela corrupção do pecado. Limitar a salvação somente em seu aspecto de realidade pós este mundo e, resumir o conceito de religião como um meio de adquirir tal benefício, torna o diálogo simplista e descabido.

8. David Bosch encerra sua lista de observações acerca do diálogo e da missão ressaltando o aspecto paradigmático destes dois elementos. Não é possível eliminar a tensão entre o missionário e o dialógico. Por um lado, temos a fé no Deus que se revelou de modo singular, de modo que não podemos apontar outro caminho de salvação que não seja Jesus Cristo. Há, portanto, a necessidade da igreja e da atividade missionária; a proclamação do reinado de Deus em Cristo integra o amago da vocação da igreja no mundo. Por outro lado, não podemos estabelecer limites ao poder salvífico de Deus. O Espírito de Deus está agindo constantemente, revelando a vontade salvífica universal de Deus de maneiras que ultrapassam a compreensão humana e em lugares onde menos esperamos. Devemos valorizar essa tensão e não tentar resolvê-la.[15]

Tal linguagem significa admitir que não temos todas as respostas e que estamos dispostos a viver no contexto de um conhecimento penúltimo, que consideramos nosso envolvimento no diálogo e na missão como uma aventura, que estamos preparados para correr riscos e antevendo surpresas à medida que o Espírito nos guia para uma compreensão plena. [16]

Admitir a existente tensão entre missão e diálogo não compete em aderir algum tipo de agnosticismo e sim a uma humildade ousada que admite conhecer a verdade – mesmo que em parte – e confessá-la de forma justa. Isso significa não professar a fé cristã como juízes ou por meio de persuasão, mas por meio do testemunho como representantes e servos do Senhor.

CONCLUSÃO

O cenário contemporâneo apresenta o crescimento da necessidade de diálogo entre as religiões. Como opção aos estudos de religiões comparadas e a ciência das religiões, a teologia das religiões propõe uma reflexão acerca da postura da igreja em relação a outras crenças. Os modelos de postura encontrados na história da igreja não compreendem a relevância do diálogo e da missão de forma não excludentes e, não obstante, para desenvolver um paradigma missionário contemporâneo a igreja não pode ignorar a necessidade do diálogo como elemento inerente à missão.

David Bosch observa oito pontos a serem considerados e desenvolvidos na missão da igreja contemporânea com a finalidade de alcançar o diálogo com outras crenças.

Podemos resumir os pontos supracitados como seguem:

1. Aceitar a coexistência de outras crenças;
2. Comprometer-se com as próprias convicções;
3. Reconhecer a existência da graça divina sob os adeptos de outras crenças;
4. Adotar uma atitude de humildade;
5. Reconhecer e respeitar as especificidades de cada religião;
6. Distinguir as correspondências e diferenças entre diálogo e missão;
7. Ter uma compreensão correta e abrangente sobre o que é salvação;
8. Admitir a tensão existente entre missão e diálogo.

Acrescento um último adendo extremamente relevante: o termo “elemento” que aparece no título deste artigo foi extraído do próprio texto de David Bosch. No capítulo doze de seu livro, o autor apresenta treze características do paradigma da missão contemporânea. Ele intitula este capítulo – e portanto, cada uma das características apresentadas – como “elementos de um paradigma missionário ecumênico emergente”. Bosch alerta que cada um destes elementos deve ser visto de forma inter-relacionados e nunca de modo distinto e isolado. Deste modo, o conteúdo deste artigo precisa ser compreendido como apenas uma parte relevante do que se compreende da missão como um todo.

[1] Bosch, p.566-584

[2] Para mais sobre cosmovisão e secularismo, leia o artigo <https://www.martureo.com.br/a-missao-no-territorio-secular-atual/> do mesmo autor.

[3] BOSCH, p.574

[4] BOSCH, p.576

[5] Ibidem, p.577

[6] Ibidem

[7] Ibidem, p.578

[8] Ibidem

[9] Ibidem, p.581

[10] Ibidem, p.579

[11] Comissão de Missão Mundial e Evangelização (do Conselho Mundial de Igrejas)

[12] BOSCH, p.581

[13] Ibidem, p.582

[14] Ibidem, p. 581

[15] Ibidem, p.583

[16] Ibidem, p.583 - 584

BASE BIBLIOGRÁFICA PARA TODAS AS CITAÇÕES:

BOSCH, David J. Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão; Ed. Sinodal, 5ª ed. São Leopoldo/RS, 2021